

**CHEGA DE
FIUFIU**

O FILME

APRESENTAÇÃO DO FILME

O longa-metragem Chega de Fiu Fiu trata da participação das mulheres nos espaços públicos, marcada por uma série de violências, em especial o assédio sexual, e examina como campanhas e outras dinâmicas criadas por ativistas e movimentos feministas no período de 2014 a 2017 têm modificado relações de poder entre homens e mulheres nas ruas e na internet.

“Entraves como a falta de iluminação, lugares ermos, a dificuldade de mobilidade, longas distâncias na locomoção de casa ao trabalho, ausência de creches e péssimo atendimento em serviços de saúde e segurança seguem como catracas visíveis e invisíveis do acesso das mulheres às cidades. Tais entraves revelam o quanto as cidades foram construídas sem a perspectiva de gênero e agravam ainda mais as violências sofridas pelas mulheres, como o assédio. O filme é um retrato dessa violência de gênero em um contexto ainda pouquíssimo explorado: o espaço público. A pergunta que nos fizemos ao longo de todo o filme é ‘qual é o lugar das mulheres nas cidades?’”, diz Amanda Kamanchek, diretora do documentário.

Chega de Fiu Fiu – O Filme traça uma narrativa composta de três momentos: a utilização de um óculos com uma microcâmera escondida, utilizado por mulheres em seu dia a dia;

a vida de três personagens de diferentes cidades (Brasília, São Paulo e Salvador) e o diálogo entremeado com especialistas e homens sobre assédio, corpo e masculinidades.

“Não só as entrevistas com três personagens, mas a dinâmica de cada uma delas com suas cidades foi nos ajudando a construir o argumento real do filme. Ao longo do projeto, criamos alguns artifícios de filmagem como o óculos-espião, o que nos permitiu explorar de maneira muito forte o modo como o corpo é percebido no espaço público. Dessa forma, as personagens puderam também se utilizar de um instrumento de denúncia. E, em adição, o próprio corpo delas se tornou uma ferramenta dessa narrativa. Em suma, convidamos essas mulheres a colaborar com o documentário de fato e isso nos trouxe ainda mais verdade e emoção”, diz Fernanda Frazão também diretora do filme.

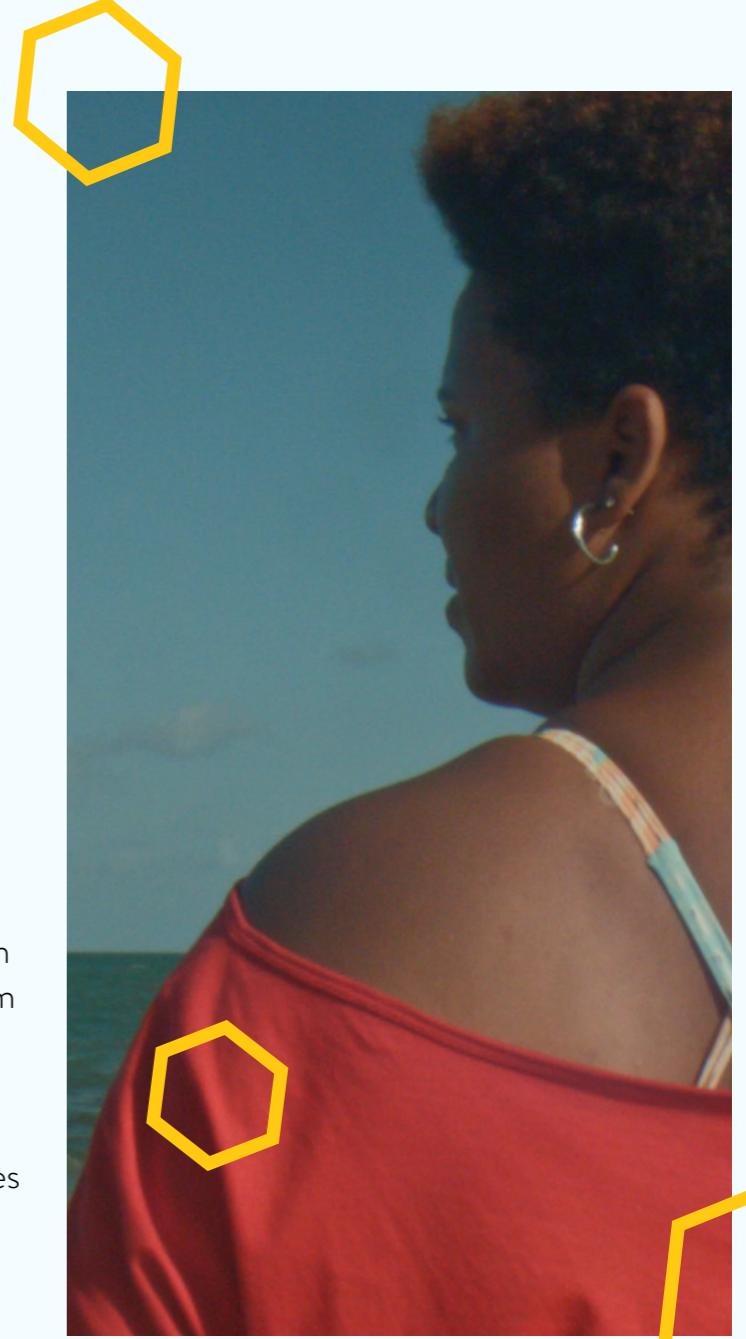
De acordo com pesquisa da ActionAid de 2016, 86% das brasileiras já sofreram violência sexual ou assédio em espaços públicos. Delas, 77% ouviram assobios, 57% ouviram comentários de cunho sexual, 39% xingamentos, 50% foram seguidas, 44% tiveram seus corpos tocados, 37% tiveram homens que se exibiram para elas e 8% foram estupradas.

Muitos anos se passaram desde que as mulheres começaram a circular com maior frequência nos espaços públicos, mas este espaço ainda lhes é negado

A pesquisa do Ipea de 2014, “Tolerância social à violência contra as mulheres”, mostrou que 26% dos brasileiros concordam com a afirmação de que “mulheres que usam roupas que mostram o corpo merecem ser atacadas”. Outro estudo recente do Fórum de Segurança Pública (2016) mostra que 1 em cada 3 pessoas acreditam que “mulheres que se dão ao respeito não são estupradas”. Uma violência baseada na ideia de que quando uma mulher não se comporta, ela deve ser punida.

Tais pesquisas revelam o pensamento atual de muitos homens que ainda consideram inaceitáveis certas condutas e escolhas das mulheres, como “ficar bêbada”, “sair de casa sem o marido” e “usar roupas justas e decotadas”.

Mais de 1.210 pessoas contribuíram com o filme, por meio da plataforma de financiamento coletivo Catarse. O filme foi recorde de arrecadação na plataforma, atingindo sua meta de financiamento em menos de 24 horas. Personalidades como Laerte, a Karina Buhr e o Gregório Duvivier já se posicionaram a favor da iniciativa.



SINOPSE

As cidades foram feitas para as mulheres? O filme “Chega de Fiu Fiu” narra a história de Raquel, Rosa e Teresa, moradoras de três cidades brasileiras, que, por meio de ativismo, arte e poesia resistem e propõem novas formas de (con)viver no espaço público

FICHA TÉCNICA

Diretoras: Amanda Kamanchek Lemos e Fernanda Frazão

Realização: Brodagem Filmes e Think Olga
Distribuição: Taturana - Mobilização Social

OBJETIVOS DA DISTRIBUIÇÃO DE IMPACTO E MOBILIZAÇÃO SOCIAL

O filme Chega de Fiu Fiu é uma realização da produtora Brodagem Filmes e da organização social Think Olga.

A distribuição foi feita pela Taturana, distribuidora de cinema como foco em impacto social cuja finalidade é democratizar o acesso ao cinema e promover o impacto social.

A Taturana alia campanhas de impacto social a estratégias de distribuição comercial e não comercial, por meio de sua plataforma online.

A partir dessa plataforma de distribuição, buscamos chegar em todas as regiões do Brasil, facilitando o acesso ao filme Chega de Fiu Fiu para quem desejasse organizar uma sessão gratuita e promover debates abertos.

Dessa forma, alcançamos um público abrangente, que inclui escolas, servidores públicos e legisladores, organizações de mulheres e que trabalham com a temática de masculinidades.

Por impacto social entendemos: ações a médio ou longo prazo que levem ao desenvolvimento ou melhoria social.

1

Ampliar o conhecimento de adolescentes e pré-adolescentes sobre assédio, abuso e violência de gênero, bem como a relação desses temas com a cidade, por meio de sessões em escolas.

2

Fortalecer servidores públicos e legisladores parceiros no sentido de torná-los mais preparados para argumentar sobre o assédio em espaços públicos, e assim pressionar a agenda sobre o tema nos órgãos do Legislativo.

3

Fomentar e fortalecer organizações sociais que atuem com o tema das masculinidades.

4

Ampliar o conhecimento de mulheres em situação de vulnerabilidade sobre assédio, abuso e violência de gênero, bem como a relação desses temas com a cidade, por meio de sessões organizadas por organizações e coletivos.

Para além da distribuição via plataforma digital Taturana, o documentário foi exibido em festivais para os quais foi selecionado, em salas de cinema no circuito comercial e em sessões viabilizadas por parcerias institucionais, bem como por canais de televisão sob demanda, incluindo GNT, Philos, MUBI e Pragda.

PERÍODO

ESTREIA: 15 de maio de 2018

RELATÓRIO: Período de 20 de maio de 2018 a 30 de junho de 2019



DIFUSÃO SOCIAL



Por meio da plataforma

**Taturana
Mobilização**



o filme Chega de Fiu Fiu já foi visto por **10.180** espectadores no circuito não comercial



ao longo de **232** sessões realizadas.

Média de 1 sessão por dia
nos seis primeiros meses



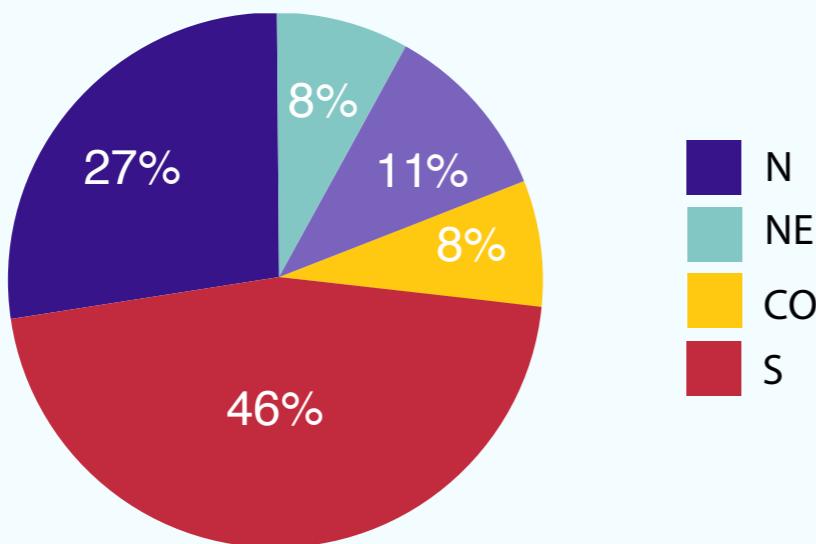
NO BRASIL

Tivemos exibições em 159 municípios e 23 UFs brasileiras. Essa distribuição das sessões é especialmente relevante no contexto brasileiro em que apenas 0,1% dos municípios com até 20 mil habitantes tem salas de cinema, e apenas 10,3% dos municípios com até 100 mil habitantes possuem salas de exibição. Os municípios com até 100 mil habitantes representam 94,43% dos municípios brasileiros. Mesmo que as cidades mais populosas tenham acesso ao cinema, 44% da população brasileira não tem acesso à infraestrutura de exibição.

Exibições por município



Exibições por região

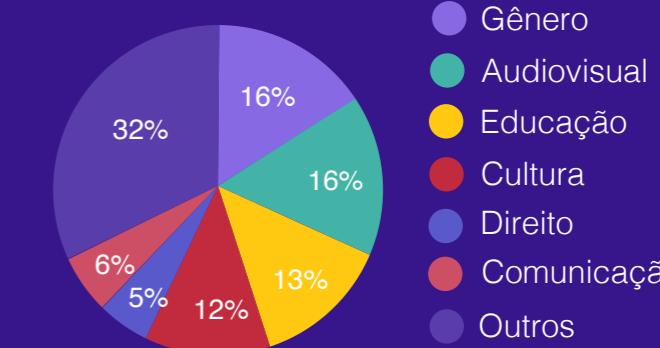


No Mundo

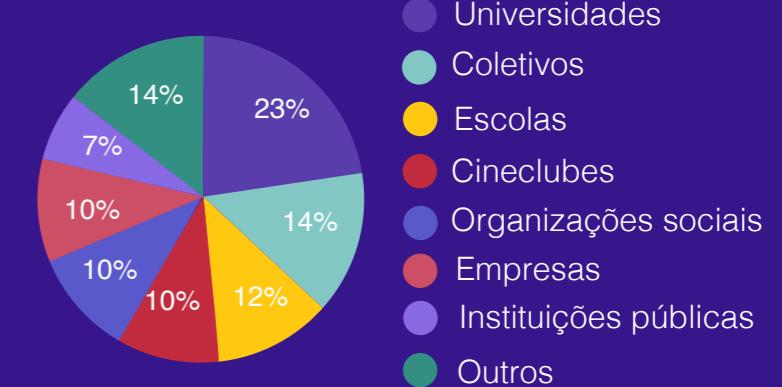
Foram realizadas 12 sessões no exterior nos seguintes países: Alemanha, Espanha, Estados Unidos, França, Inglaterra, México, Moçambique e Portugal.

Natureza das organizações exibidoras

Na sua maioria, as sessões foram realizadas por universidades (23%). Em seguida, destacam-se os coletivos (14%) e escolas (12%), e depois as organizações sociais (10%) e cineclubes (10%). É importante notar que o filme também foi exibido em espaços de trabalho e empresas (10%).



A maior parte dos organizadores dessas sessões atuam com gênero (16%) e audiovisual (16%), seguida por profissionais da educação (13%) e da cultura (12%).



FESTIVAIS

- ACT Human Rights Festival (Colorado, Estados Unidos, 2018)
- FIM CINE – Festival Internacional de Muitos no Cinema (São Paulo, SP, Brasil, 2018) Rio Festival de Gênero & Sexualidade no Cinema (Rio de Janeiro, RJ, Brasil, 2018)
- Mostra de Cinema Caravana CineGênero – 10.000 km de Direitos (Crateús, CE, Brasil, 2018)
- Festival PopPorn (São Paulo, SP, Brasil, 2018)
- MOSTRA IX Brazilian

DIFUSÃO COMERCIAL



espectadores
assistiram ao filme



sessões realizadas
em salas de cinema



foi a taxa média de
ocupação das salas

- Film Series (Chicago, Estados Unidos, 2018)
- 12ª Mostra Cinema e Direitos Humanos (Brasília, DF, Brasil, 2018)
- Femme Revolution Film Fest (Cidade do México, México, 2019)
- 3º ARCHcine - Festival Internacional de Cinema de Arquitetura (Brasília e Rio de Janeiro, Brasil, 2018)
- Instidoc – Ciclo do Documentário Institucional (Maputo, Moçambique, 2018)
- Virada Sustentável (São Paulo, SP, Brasil, 2018)
- Arquiteturas Film Festival (Portugal, 2019)
- Festival Flatpack (Birmingham, Inglaterra, 2019)
- Festival Feminista de Lisboa (Lisboa, Portugal, 2019)
- Ambulante Film Festival (Cidade do México, México, 2019)
- 45º Festival Sesc Melhores Filmes (São Paulo, SP, Brasil, 2019)
- Indicado ao Grande Prêmio do Cinema Brasileiro 2019 (Brasil 2019)

IMPACTO SOCIAL

Fortalecer a incidência do tema assédio dentre as organizações sociais que atuam com gênero

36% das organizações que realizaram sessões do filme eram grupos locais de mulheres

“Exibimos o Chega de Fiu Fiu no evento Cine-debate Gênero e Política, no Centro de Defesa dos Direitos Humanos em Petrópolis. A exibição foi uma parceria entre o Coletivo Manashota e o Cine Pagu. A sessão teve um público de 30 pessoas e recebemos para o debate a advogada Mariana Barros e a psicóloga Mariana Medeiros, sendo a primeira também doutora em memória social, que abordou a questão do assédio dessa perspectiva da memória, tornando o debate ainda mais rico. O filme, muito bem construído e com ótimo ritmo para essas sessões em conjunto, despertou uma série de reflexões e desabafos extremamente construtivos do público, não só da parte de mulheres, mas de homens também.”

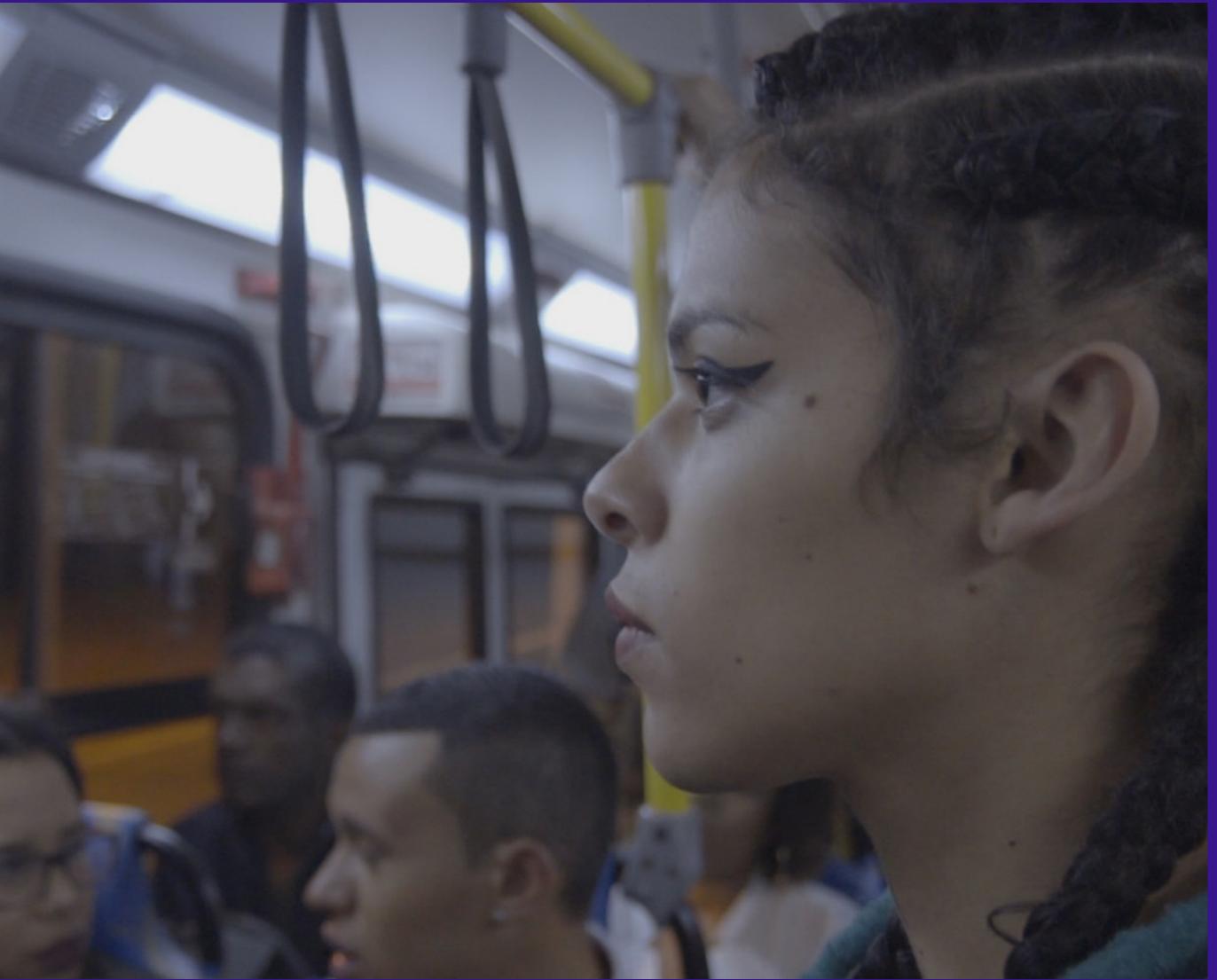
Centro de Defesa dos Direitos Humanos,
Petrópolis, RJ.



Formação de adolescentes nas escolas

“A ideia com esta exibição é justamente abordar o assédio sexual entre os adolescentes do ensino médio, e tivemos uma repercussão muito positiva. Muitos começaram a ver que atitudes que antes eram consideradas inofensivas são, na verdade, uma agressão ao outro, e que julgamentos de roupas e atitudes não justificam essa violência direcionada à mulher. Ainda estamos colhendo frutos e realizando debates, pois os alunos deverão fazer um trabalho final sobre o tema.”

Flavia Cristina da Silva Andrade, Escola Estadual Governador Milton Campos, Belo Horizonte, MG.



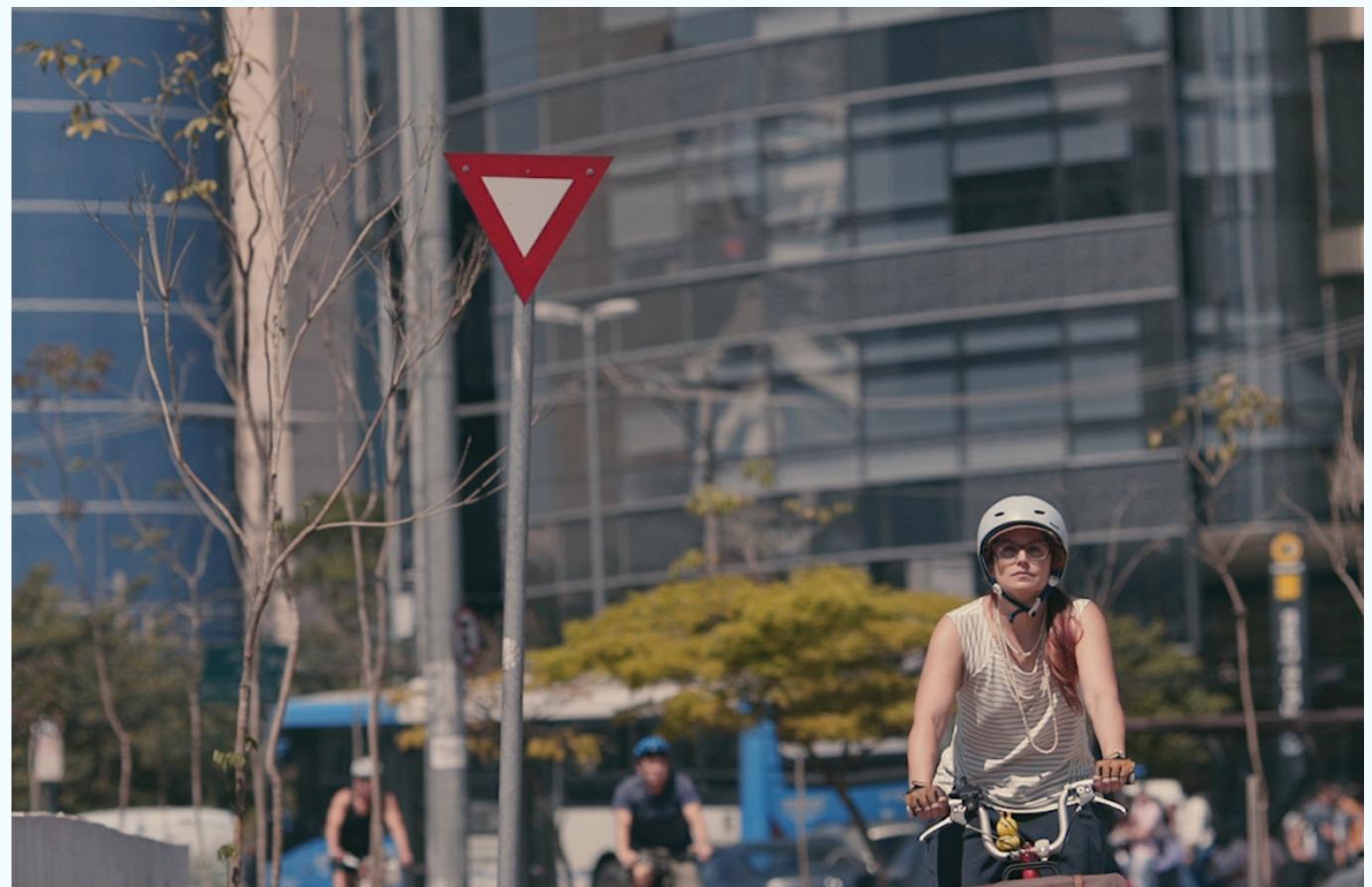
Formações para jovens universitários

5% articulação de grupos de mulheres nas universidades

“A sessão do filme ocorreu na 4^a edição do projeto de cinema e debate da Liga de Sexualidade, Cine Sinta-Liga. Após um longo silêncio, uma mulher fala ‘acho que o silêncio diz muito sobre isso, porque é muito difícil falar sobre’. Com isso, começa-se uma discussão sobre os transportes públicos. Depois disso, outra mulher diz ‘achei interessante a cena da mulher que procura sobre leis, e o quanto essas leis não dão conta disso’.

Ocorreu uma discussão sobre a normalização do assédio em que foram levadas falas comuns de serem ditas ‘ah, normal o assobio’, ‘é mimimi’. Em um outro momento, começou uma discussão em torno da necessidade de ter homens nesses espaços.”

Renata Cristina Ribeiro Leandro, Liga de Sexualidade, Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Uberaba, MG.



“Terminado o filme, convidamos todos os presentes (principalmente as mulheres), para que dissessem algumas palavras. O curioso foi que à medida que as mulheres iam falando, nenhum homem sequer se atreveu a comentar o filme. Elas contaram a visão delas do assédio e a aluna Neiriane Santos chegou a dizer a seguinte frase:

‘A gente ouve dizer sobre o primeiro assédio, mas é muito difícil de lembrar.

É mais fácil a gente falar qual foi o último. Nós começamos a ser assediadas muito cedo’. O debate então foi conduzido pela aluna Joice Luana do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Mato Grosso – Campus Araguaia. Ela, na posição de militante feminista, defensora e estudiosa da luta das mulheres, nos apontou cinco formas de assédio para contribuir com

o debate. O assédio intelectual, verbal, sexual e mais dois, entre outros tantos.

Após a fala de Joice, o professor Luís Bitante Doutor em Sociologia, deu uma contribuição ao debate. Como pesquisador de gênero e da comunidade LGBTQ+, destacou a importância de Rosa, uma mulher transexual no filme. Para finalizar a sessão, a professora Jociene

Bianchini, coordenadora do Cineclube Roncador da UFMT, questionou o motivo desse momento em que as mulheres estão tão engajadas na luta feminista e questões de violência contra a mulher. Para se pensar qual foi o momento e se a mídia teve algum papel nesse processo de visibilização dessas mulheres.

Como um todo a sessão foi muito boa e a quantidade de pessoas esperadas dobrou.”

Jacqueline Rodrigues Vieira, Universidade Federal de Mato Grosso, Campus Araguaia, Barra do Garças, MT.

Enfrentamento ao assédio nas universidades

“Começamos o bate-papo após a exibição do filme com um comentário da convidada Taysa Schiocchet, professora adjunta da Faculdade de Direito e do Programa de Pós-Graduação em Direito da UFPR, doutora em Direito e coordenadora da Clínica de Direitos Humanos da Universidade. Falou-se sobre os assédios que acontecem em espaços escolares ou universitários. Uma professora de Educação Física que estava na plateia compartilhou um relato pessoal sobre assédio sofrido no período escolar, em uma escola de periferia. Outra professora do mesmo curso também comentou que quem sofre assédio não fala por medo, ou por se autoculpabilizar, e que a falta de informação pode ser um motivo para esse tipo de atitude. Ela comentou que sofreu assédio na universidade, e não teve coragem de falar nada porque havia começado a trabalhar ali há pouco tempo. Uma ex-estudante da UFPR relatou casos de assédio por parte dos professores, e sente falta de um canal efetivo para denunciar. Ela comentou que há disciplinas ofertadas apenas por um professor, e que as estudantes acabam tolerando os assédios, pois sabem que no semestre seguinte estudarão com o mesmo professor. O fato de ser uma profissão concursada não deveria ser um respaldo para agir sem consequências. A professora Taysa falou na sequência sobre um projeto chamado ‘Se as paredes da UFPR falassem’, que apresentou denúncias anônimas de assédio. Cartazes com relatos de casos foram colados nas paredes da universidade, o que causou constrangimentos. Daniel Fauth, graduado em Direito pela UFPR e



mestrando em Direito Penal na mesma instituição, especialista em criminologia pelo ICPG e graduando em Psicologia na PUCPR, apontou que fazer o uso do sentimento de vergonha do assediador pode ser um caminho para evitar que ele perpetue o ato, e pode ser usado como uma ferramenta de proteção. Daniel também fez comentários sobre a masculinidade, e sobre como as expressões de masculinidade que usualmente conhecemos estão atreladas a comportamentos violentos. Essa violência é usada como uma forma de demonstrar poder, e o ‘veículo’ da masculinidade acaba sendo a mulher, o que causa a sua objetificação. Também foi comentado que há inúmeras ocorrências de assédio na semana dos calouros, e é preciso rever esses momentos. Daniel deu exemplo de uma festa acadêmica na qual havia comissões de prevenção de assédio, e de cuidado, organizadas pelos próprios alunos, com o objetivo de zelar pelo bem-estar de todos os presentes. Também foi apontado que a universidade é omissa em muitos casos, e que os canais de denúncia parecem não ser efetivos.”

*Andrea Mayumi Bomura Maciel, UFPR,
Campus Politécnico, Auditório do Cesec,
Curitiba, PR.*

Debates em cineclubes

“Os homens questionaram para as mulheres se achamos que este filme nos ajuda de alguma maneira, e se teria feito diferença assisti-lo lá atrás, na nossa adolescência. Uma integrante respondeu lindamente: ‘Com certeza! Se eu tivesse visto este filme lá atrás, talvez eu tivesse desenvolvido uma autoestima melhor na adolescência, uma aceitação maior, e uma liberdade de expressão maior de ser quem eu sou.’ Nós, as mulheres, também comentamos como este filme nos liberta de poder falar mais com as pessoas – com amigas, mesmo – sobre questões de assédio/ abuso, situações de machismo etc. Outro comentário interessante foi da ótima escolha em inserir uma mulher trans para documentar, e o quanto chocante é o depoimento dela quando diz que só pelo fato de começar a se vestir como mulher já a deixou mais insegura nas ruas. Esse relato é muito forte, e talvez possa mostrar aos homens como nós – mulheres – nos sentimos em muitas situações.”

São Paulo, SP

Servidoras públicas que atuam com a temática

“A convite da Procuradoria da Mulher, foi realizada sessão do filme, seguida de debate na Câmara de Deputados. A conversa, realizada no contexto da campanha mundial 16 Dias de Ativismo pelo Fim da Violência contra as Mulheres, versou em torno da nova Lei de Importunação Sexual, aprovada em setembro de 2018, e da participação da sociedade civil no enfrentamento ao assédio sexual no Brasil. Presenças: Iara Cordeiro, assessora da Bancada Feminina; Daniele F. S. Gruneich, assessora da Secretaria da Mulher; Ludi, da Procuradoria da Mulher do Senado e assessor da Senadora Vanessa Grazziotin (responsável por PL similar ao aprovado na lei de Importunação Sexual); Silvânia, assessora da Deputada Erika Kokay; Carla, assessora da Deputada Luizianne Lins; Claudio, da Rádio Câmara, e Lucas Brandão, liderança da Rede Sustentabilidade. O esforço de conscientização e importância do movimento Chega de Fiu Fiu foi reconhecido não só para a aprovação da lei histórica que pune o assédio em espaços públicos (13.718/2018), mas também traz o debate em novas leis com a perspectiva de gênero, como a de emissão de medida protetiva por delegadas/os, aprovada em abril de 2019. Outro resultado foi o convite para exibição do filme no mês de março de 2019 na ANTT (Agência Nacional de Transportes Terrestres) em parceria com o Senado Federal.”

Congresso Nacional, Brasília, DF.

Articulação comunitária

“O filme foi exibido para os jovens da igreja e foi marcado pelas lágrimas, como uma identificação do tipo ‘é isso que eu passo’. O silêncio da verdade estampada reinava. Nossa desafio também transitou pela moralidade, pois o filme foi exibido dentro do templo e a discussão era com evangélicos. Se discutir o assédio que as mulheres sofrem já é um tabu, este se multiplica quando uma parte considerável do filme é sobre a dor de uma mulher trans. Os homens, inclusive, foram bem participativos no diálogo e assumiram que em seus comportamentos ainda há muito machismo. As mulheres foram pontuais em denunciar as violências que sofrem em seus corpos todos os dias. Apontaram caminhos respeitosos de convivência e de paquera. Dialogamos sobre a cultura da mulher como propriedade privada do homem; a objetificação do corpo da mulher; a hipersexualização, principalmente, da mulher negra; a solidão da mulher negra; o assédio como forma de privar as mulheres do direito ao espaço público. Temíamos reações negativas, mas fomos surpreendidos com a receptividade e os pedidos por mais filmes que discutam a naturalização de tantas outras violências aos direitos humanos.”

Israel Argolo dos Santos Gonzaga,
Igreja Batista Adonai, Salvador, BA.



Sensibilizações internas em empresas

“Algumas pessoas compartilharam histórias de assédio, algumas compartilharam que somente com o filme perceberam que tinham sofrido assédio. Uma parte interessante foi a discussão dos homens, em que se relatou o quanto é importante discutir esses temas e é necessária a educação. Algumas mulheres levantaram a discussão de que se sentem inseguras nas ruas à noite, e que o medo é sempre de estupro, nunca de ser assaltada. Os homens compartilharam que esse medo nunca acontece com eles: o medo é sempre de ser assaltado e perder os bens pessoais. A discussão terminou com a reflexão de uma das mulheres sobre o documentário terminar mostrando como o movimento feminista é importante e que ele pode e deve ajudar a mudar a situação.”

Giovanna Raisa Silva e Sato, Thoughtworks,
Belo Horizonte, MG.

O assédio e sua relação com as cidades e o espaço público

“Homens e mulheres concordaram que lutar contra o assédio não é responsabilidade apenas das mulheres assediadas ou de um gênero apenas, é trabalho de toda uma sociedade machista e doente. Pensamos sobre algumas iniciativas – desde a real denúncia e registro no site da campanha, até em homens promovendo rodas de conversa como a que é retratada no documentário. Foi muito produtivo e todos nós nos comprometemos a pensar em alternativas e lutar para que as ideias se tornem mobilização social, pautada por uma lei que se transforme, para que nós, mulheres, tenhamos igualdade de segurança em todos os lugares, principalmente nos espaços públicos.”

Michelle Lopes, Museu da Imagem e do Som, Campinas, SP.

Masculinidades

Gostaria de reforçar a importância de utilizar o filme Chega de Fiu Fiu como ferramenta prioritária em grupos de violência doméstica com homens ofensores. A riqueza de debate foi imensurável. Sendo uma discussão sobre fatos tão arraigados em nossa cultura, percebi o quanto foi essencial tal relação de vínculo com os participantes para que se sentissem à vontade para falar sobre suas impressões e fazer do diálogo algo rico e reflexivo, sem o peso de julgamentos morais ou de achar que por eu ser mulher, estava falando de algo pessoal, e não coletivo. Durante o filme foram registradas algumas falas dos participantes, e então se iniciou o debate. Um dos momentos mais fortes do debate, em que não houve interferência da facilitadora, pois outros membros se manifestaram contra a fala de um dos par-

ticipantes, foi sobre a ‘agressividade’ da performance de Rosa Luz. O homem, pastor (49 anos), dizia que Deus não criou o homem para ser mulerinha, logo, como explicaria isso para os filhos. Outro membro, também pastor (18 anos), contestava explicando-lhe como contar aos filhos, visto que Deus pregava o amor e que vivemos em uma nova época, onde isso é o real. Outro falava sobre isso ser pra chamar atenção, se não porque escolher ser mulher se nasceu ‘com pau’. Nesse momento iniciamos a intervenção, trazendo questões sobre identidade de gênero. Um dos homens (o que falou sobre ser uma opção) relatou que tem um filho de 9 anos homossexual e que a culpa é da mãe. O debate foi ‘quente’ e, no final do grupo, os homens esperaram fora da clínica para que eu falasse

mais sobre aquilo. Foram 30 minutos em que compartilhei com eles artigos sobre o assunto e me ofereci para fazermos um grupo sobre o tema. Um dos homens falou sobre não ser hipócrita e disse que tentaria não elogiar mais as mulheres nas ruas, pensando que tem uma filha de 13 anos e que não gostaria que fizessem isso com ela. O filme despertou debate e reflexão sobre questões de gênero e sexualidade, assédio, religião e feminismo, sendo umas das ferramentas mais ricas utilizadas dentre os encontros até então. Grupo de homens ofensores que são obrigados por determinação judicial a frequentar encontros reflexivos sobre violência.”

Juliana Sangoi, Centro Universitário do Distrito Federal, Clínica Escola Brasília, DF.

Mídia

O filme foi divulgado pelos principais veículos de mídia brasileiros, incluindo: Programa Metrópolis, TV Cultura; Jornal da Cultura, TV Cultura; Programa Superpoderosas, TV Band; DFTV, TV Globo; Programa da Fátima, TV Globo; Rádio CBN; Rádio Câmara; Jornal Folha de S. Paulo; Jornal O Estado de São Paulo; Jornal Correio Brasiliense; Jornal do Comércio; Jornal A Tarde; Revista Elle; Revista Galileu; Revista Veja São Paulo; Revista Época; Site UOL; Site IG; Site Geledés; Site Catraca Livre.

Documentário 'Chega de Fiu Fiu' expõe a violência do assédio sexual a mulheres no espaço público urbano

Diretoras Amanda Kamanchek Lemos e Fernanda Frazão procuram especialistas para discutir sobre o assunto. Sessão gratuita ocorre nesta terça-feira (31), em Presidente Prudente.

8.jun.2018 às 15h26

#ChegaDeFiuFiu: uma campanha, um filme, um aprendizado coletivo



Quem somos

THINK OLGA

A Think Olga é uma organização não-governamental de inovação social com foco em criar impacto positivo na vida das mulheres do Brasil e do mundo por meio da comunicação. Seu objetivo é fomentar debates que sejam catalisadores de mudança e traçar estratégias que promovam transformações culturais.

TATURANA

A Taturana (www.taturanamobi.com.br) é uma distribuidora de filmes com foco em impacto social. Fundada em 2013, vem trabalhando com circuitos comerciais e não comerciais, com o objetivo de democratizar o acesso ao cinema e potencializá-lo como ferramenta de impacto social.

Objetivos:

- Formação de público/desenvolvimento de audiência;
- Engajamento em causas abordadas pelos filmes;
- Ampliação do circuito exibidor de cinema.

BRODAGEM FILMES

Produtora audiovisual fundada em 2011. Voltada à produção de filmes e séries, valoriza a produção voltada à temática de direitos humanos e gênero. Entre suas realizações estão os documentários *Além das 7 Cores* e *Dolores 602*.